NOS CAFUNDÓ DAS PERIFERIAS: ESPAÇO URBANO, DINÂMICA CULTURAL E CIDADANIA NAS PERIFERIAS DE CRATO/CE, GOIÂNIA/GO E VIÇOSA/MG

Fernando José Primo do Nascimento
Universidade Federal de Goiás
E-mail: fernando.primo@discente.ufg.br

Laís Neves Pereira
Universidade Federal de Goiás
E-mail: laisnpgeo@gmail.com

Resumo:
O presente trabalho faz parte dos debates ocorridos na disciplina Espaço Urbano, Cidadania e Dinâmica Cultural, do Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás – UFG. A partir das nossas reflexões em sala de aula procuramos investigar estratégias de abordagens dos temas "Cidadania, Espaço Urbano e Dinâmica Cultural" no ensino de geografia nas escolas das periferias das cidades. Nosso objetivo neste trabalho é apresentar possibilidades de trabalhar esses temas nas aulas de geografia a partir de experiências desenvolvidas nas periferias das cidades de Crato-CE, Goiânia-GO e Viçosa-MG. Selecionamos em cada uma destas cidades experiências de comunicação que permitem compreender as periferias e suas geografias a partir dos sujeitos que nelas habitam. Nas três situações o protagonismo de sujeitos periféricos evidenciam estes espaços como lugares de potência e resistência.

Palavras-chave: Cidadania; Espaço urbano; Dinâmica cultural.

Introdução

O presente trabalho é resultado das nossas reflexões sobre Espaço Urbano, Cidadania e Dinâmica Cultural, no decorrer de uma disciplina do curso de Pós-graduação em Geografia do Instituto de Estudos Socioambientais (IESA), da Universidade Federal de Goiás (UFG), cursada no segundo semestre de 2021. Como parte do processo de avaliação final, nosso grupo produziu um vídeo no qual apresentamos três experiências de comunicação desenvolvidas a partir dos espaços urbanos periféricos. Desde então, passamos a refletir sobre as possibilidades de abordagens dos referidos temas nas aulas de geografia, sobretudo nas escolas públicas localizadas na periferia, na tentativa de ampliarmos as representações sobre as periferias e seus sujeitos.

Nas periferias de Crato-CE, Goiânia-GO e Viçosa-MGA, apesar dos processos de exclusão e negação característicos do fenômeno da periferização, observamos que de maneira criativa, em programas veiculados nas rádios comunitárias, de transmissões ao vivo nas redes sociais, através de artigos em *blogs*, e outras iniciativas de comunicação, é possível construir mecanismos para o exercício da cidadania que fortalecem o sentimento de pertencimento às cidades. E, ao observarmos essas experiências, acreditamos ser possível desenvolver nas escolas, sobretudo naquelas localizadas nas áreas periféricas, uma perspectiva de ensino sobre as cidades que valorize esses atores, e o lugar a partir do qual eles falam.

As iniciativas de ensino que utilizam as ferramentas digitais de comunicação aumentaram significativamente no período de pandemia da covid-19, no início de 2020. O isolamento e o distanciamento social imposto pela pandemia mundial na nossa história recente representou um momento de reinvenção de diversas formas de nos comunicarmos. A rádio assumiu outras funções, bem como, a tela do computador e dos celulares. A televisão necessitou reinventar-se. Vivemos na era das imagens, da recriação e criação destas, mas, também, na era dos sons, da fibra óptica, dos arranjos produtivos mediados pela técnica no espaço e no tempo.

Enquanto as autoridades sanitárias recomendavam o distanciamento social, como forma de barrar a contaminação em massa, novas alternativas à comunicação e de promoção da cidadania surgiam e se potencializavam nas periferias. Como ressaltado por Santos (2006, p. 221), por serem "diferentes" "os pobres abrem um debate novo, inédito, às vezes silencioso, às vezes ruidoso, com as populações e as coisas já presentes". E, […] é "na esfera comunicacional que eles, diferentemente das classes ditas superiores, são fortemente ativos."

Conforme Lobato (1995), o espaço urbano da cidade capitalista é caracterizado por uma intensa fragmentação que por sua vez dá origem a um emaranhado de formas e conteúdos nos quais atuam diferentes agentes sociais. Por isso, a cidade, considerada como espaço urbano, pode ser analisada a partir da percepção que seus habitantes, ou parte deles, têm do espaço urbano (LOBATO, 1995). Neste trabalho procuramos refletir sobre a cidade contemporânea e a (re)produção cotidiana do espaço urbano, sua dinâmica e suas contradições a partir do olhar dos sujeitos periféricos.

Assim, apresentaremos algumas possibilidades de abordagens dos temas Espaço urbano, dinâmica cultural e cidadania no ensino de geografia, vislumbrado um processo de ensino sobre as cidades e sobre os temas pertinentes a elas, que valorizem as potencialidades e resistências que emergem das periferias.

Espaço urbano, dinâmica cultural e cidadania: possibilidades de abordagens

O intenso processo de globalização, urbanização e segregação socioespacial verificado nas últimas décadas do século XX teve como resultado a formação e expansão de áreas periféricas. A dinâmica das cidades está intimamente ligada à globalização, com profundas marcas no processo de modernização desses espaços. A periferia se mantém deslocada desta modernização e ao mesmo tempo serve como suporte para esta centralidade.

Diversos trabalhos apontam os efeitos negativos dos processos de periferização urbana. Todavia, é preciso destacar que para além desses efeitos perversos (moradias precárias, falta de infraestrutura, ausência de políticas públicas etc) nas periferias, estes espaços segregados das grandes, médias e pequenas cidades contemporâneas são, também, espaços de lutas, resistências e manifestações culturais diversas. Não se trata de negar os problemas existentes, mas de enxergar as possibilidades de transformação destes espaços pelos diferentes atores sociais que neles habitam.

A periferia a qual nos referimos neste trabalho não é aquela dos condomínios fechados, que apesar de afastados das áreas centrais, são fragmentos do espaço urbano amplamente privilegiados pelas relações de poder estabelecidas entre seus agentes sociais (proprietários dos meios de produção, proprietários fundiários, promotores/especuladores imobiliários) e o Estado, responsável pela regulamentação do uso e ocupação do solo urbano. Neste trabalho analisaremos aquelas parcelas da cidade afastadas da região central nas quais residem os grupos sociais excluídos que, assim como os agentes sociais privilegiados, fazem e refazem a cidade (CORRÊA, 1995). Por isso, nossa preocupação ao apresentarmos algumas experiências de comunicação, e os sujeitos nelas envolvidos, é fomentar uma possibilidade de ensino sobre o espaço urbano, sua dinâmica cultural e a cidadania a partir das periferias, sobretudo nas escolas

públicas localizadas nestas áreas. Desta maneira, esperamos que a comunidade escolar perceba estes espaços como lugares de potência e resistência.

Alguns trabalhos (CAVALCANTI, 2013; CAVALCANTI; SOUZA 2014; 2018) chamam a atenção para a importância de se considerar o local no qual está inserida a escola e o cotidiano da comunidade escolar ao trabalharmos os conceitos e conteúdos geográficos, na sala de aula. Tal preocupação tem estreita relação com uma formação para a cidadania, que muitas vezes é entendida de forma equivocada ou limitada. Basta observarmos os discursos propagados pelos meios de comunicação nos quais aparece quase sempre uma ideia de cidadania atrelada ao consumo, ou a relação entre direitos de cidadão e direitos do consumidor. Cavalcanti & Souza (2018), ao analisarem as dissertações e teses sobre cidadania, constataram que a cidadania defendida pelos meios de comunicação é aquela do consumo. A partir desse entendimento não seria possível falarmos que existe cidadania em espaços historicamente carentes de consumo. O que não é verdade.

Concordamos com Santos (2007, p. 155) quando este afirma que é um equívoco esta associação, pois "quando se confundem cidadão e consumidor, a educação, a moradia, a saúde, o lazer aparecem como conquistas pessoais e não como direitos sociais." Pois, as periferias das cidades, mesmo com tantas ausências, são o palco de exercício da cidadania e de onde emergem diversas manifestações socioculturais. Estas zonas urbanas opacas, são "espaços do aproximativo e da criatividade, opostos às zonas luminosas, espaços da exatidão" (SANTOS, 2006, p. 326). As periferias estão atentas a diversos movimentos. Nelas estão presentes discussões locais sobre o cotidiano das cidades, além de temas globais como, por exemplo, a questão ambiental e a política internacional.

E, sendo o exercício da cidadania um aprendizado que ocorre em diferentes contextos socioespaciais (na família, nos espaços religiosos, na escola, nas associações de bairros, entre outros) devemos estar atentos para as diferentes estratégias de construção desse conceito e sua relação com o ensino de geografia.

Para Carlos (2008, p.8) a sala de aula é um importante espaço de formação para a cidadania "que se realiza ou mesmo se concretiza na possibilidade de um trabalho criativo - que leve o aluno a pensar o mundo em que vive a partir de sua condição real de existência", e a

geografia é uma possibilidade de pensar o real, e o "ato de conhecer transforma o indivíduo e sua condição no mundo, o que o transporta para novos modos de ver o mundo".

Assim, os projetos Rádio Cafundó na cidade de Crato-Ceará, EducaPeriferia na cidade de Goiânia-Goiás e Ecos da Periferia na cidade de Viçosa-MG constroem propostas de trabalho que podem nos inspirar no desenvolvimento de atividades nas aulas de geografia que permitam a compreensão do espaço geográfico das cidades brasileiras a partir de uma perspectiva da periferia. A seleção das três cidades, dos veículos de comunicação e das experiências de comunicação que servem de referência para as reflexões aqui propostas, está ligada ao fato de nós, autores e autora deste trabalho, residirmos nessas cidades e partirmos dessas experiências para abordamos a cidade e sua dinâmica, nas nossas aulas de geografia .

A Rádio Cafundó foi criada na comunidade do Mutirão, situada no município do Crato, extremo sul do estado do Ceará, pelo *Coletivo Ensaio Aberto Break Dance* em parceria com Mensageiras da Paz[1], através de edital da Lei Aldir Blanc Ceará no inciso II administrado pela Secult Crato Subsídio à espaços e coletivos.

A coordenação da Rádio Cafundó é composta por dois professores, um professor de História, Francisco do Nascimento, e um professor de Geografia, Ricardo Alves, que a partir de um olhar interdisciplinar conseguem agregar parcerias como a da Rádio Livre Universitária da URCA. Assim, a Rádio Cafundó e a Rádio Livre Universitária URCA produzem material em formato de *podcast* e armazenam na plataforma *Spotify*. Num movimento político e cultural construído com todos e para todos que surgiu como proposta de fortalecer a coletividade, como definido por Ricardo Alves.

Com programação e conteúdos diversificados que visam estimular o olhar sensível, a liberdade, a estética e o pensamento crítico, a rádio tem se destacado como meio comunicativo que contribui para a formação da cidadania e para a divulgação da cultura da cidade do Crato.

[1] A organização Mensageiras da Paz, atua há mais de 17 anos nos campos das artes, cultura e do fortalecimento da organização comunitária e tem o Postim Cultural como instrumento para envolver a comunidade. Disponível em: https://mapacultural.secult.ce.gov.br/agente/95642/. Acessado em 25 de maio 2022.

Há na programação da rádio a participação de estudantes da rede pública municipal e a contribuição de educadoras e educadores das comunidades, além de contar com o apoio e a participação de docentes universitários.

Nesta parceria de produção de *podcast* destaca-se a variedade de temáticas que permeiam a ideia de cidadania como, por exemplo, o direito à saúde, segurança, segurança alimentar, equidade de gênero, direito à cidade, entre outros temas, conforme podemos observar na figura 1.

Fonte: https://www.instagram.com/radiocafundo/, 2021.

A Rede Colaborativa de Educação, nomeada EducaPeriferia, tem como o objetivo comunicar, informar e educar alunos em afastamento das unidades educativas devido às medidas para conter a propagação do coronavírus. O intuito é promover ciência, Geografia e poesia para todos aqueles que se interessam enquanto alunos e para professores que queiram utilizar em suas aulas, devido ao modelo remoto adotado pelas escolas da rede pública e também da privada.

O projeto EducaPeriferia foi idealizado pelo professor da rede municipal de ensino da cidade de Goiânia e doutorando de Geografia da Universidade Federal de Goiás (UFG), Caio Sena, e contou com a participação de um grupo de professores e colaboradores de inúmeras áreas que se uniram para construir alternativas de ensino durante a pandemia do coronavírus. A iniciativa conta ainda com a colaboração de acadêmicos e docentes da UFG.

Usando as plataformas digitais de vídeo, as redes sociais e a tecnologia de transmissão de dados pela *internet* (os *streamings* de áudios e vídeos), o projeto que inicialmente tinha como

público-alvo os estudantes de Goiânia, acabou alcançando educandos de diversas cidades brasileiras. O modelo foi criado pensando em como minimizar impactos e diminuir os déficits de conhecimentos que foram causados pelo processo de pandemia que está sendo vivenciado no mundo todo, mas que na periferia tem sido de maior impacto, devido a vários problemas preexistentes e comumente ignorados pelo poder público.

Os temas são selecionados e pensados a partir de fatos da realidade da periferia e mesclam abordagens da história e da geografia. Os conteúdos estão disponíveis principalmente em formato de áudio (*podcast*), mas também possuem conteúdo de apoio, como imagens. O primeiro episódio abordou situações de racismo que colocaram o tema em pauta nos últimos meses, no Brasil e no mundo, e contou com a participação de. Lucas Kallil, Geógrafo e Mestrando em Geografia da UFG, que falou sobre a importância de se debater as relações etnicorraciais no Brasil (figura 2).

Figura 2 - Episódio que abordou as relações etnicorraciais

Fonte: EducaPeriferia, 2021.

O Ecos da periferia é uma experiência de comunicação popular que surgiu em 2009 na cidade de Viçosa/MG, município mineiro localizado na Zona da Mata, por iniciativa de Rômulo N. Marcolino, mestre em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e professor da rede estadual de ensino.

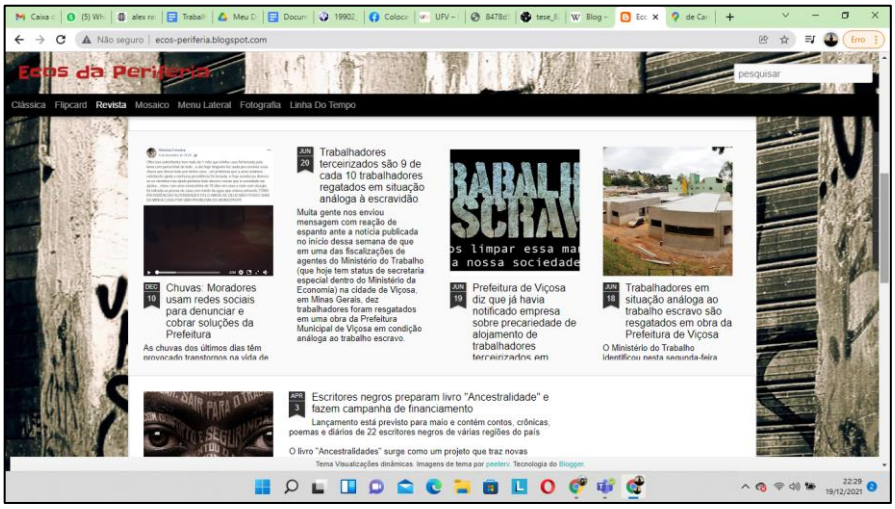
Marcolino, viçosense da comunidade periférica dos Marques, sempre esteve atento a diversas questões que atravessam o dia a dia da cidade, em especial do cotidiano das periferias. Por isso, a partir de sua formação, decidiu colocar em prática as ideias e discussões às quais teve acesso durante sua estadia na academia. Assim, idealizou o *Blog* Ecos da Periferia, um canal de comunicação popular no ano de 2009, e posteriormente ampliaou esta ideia para outras plataformas e para as redes sociais.

Com uma população estimada em 79 910 habitantes, a cidade possui uma das mais importantes universidades públicas do país e que leva o nome da cidade. A Universidade Federal de Viçosa (UFV) foi inaugurada como Escola Superior de Agricultura e Veterinária (Esav), em 28 de agosto de 1926. Posteriormente, a Esav foi transformada em Universidade Rural do Estado de Minas Gerais (Uremg), e na sequência foi federalizada, em 1969. Segundo o IBGE, até a década de 1960 a população da cidade era de aproximadamente 20.846 habitantes, dos quais 9.221 residiam em área urbana e os demais, 11.625, encontravam-se na zona rural. Na década de 60, com a federalização da então universidade estadual de Viçosa, aconteceu uma inversão nessa situação e, desde de então, a população do município passou a ser predominantemente urbana.

Na segunda metade do século XX a cidade experimentou um grande crescimento populacional, impulsionado pelo aumento de cursos de graduação e de pós-graduação da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Com esse crescimento aumentaram também as demandas e os conflitos urbanos típicos das cidades brasileiras. Segundo Rômulo Marcolino, seu objetivo, ao criar o *blog*, era dar visibilidade para estas e outras questões que permeiam a cidade, mas a partir das experiências dos sujeitos periféricos, além de estimular nestes sujeitos o exercício da sua própria cidadania.

No *blog* (figura 3) ele disponibiliza uma série de artigos, postagens e publicações que possibilitam que cada leitor possa acompanhar as principais discussões da cidade de Viçosa. E através da seção de comentários do *blog* os internautas podem interagir e opinar sobre os mais diversos assuntos nele postados. Hoje essa comunicação acontece também em outras redes sociais, como o I*nstagram* e o *Facebook*, nas quais o idealizador do *blog* faz transmissões ao vivo e interage com seus seguidores.

Figura 3: Blog Ecos da Periferia



Fonte: Blog Ecos da Periferia. Disponível em http://ecos-periferia.blogspot.com/, 2021.

Considerações finais

Como pudemos observar ao longo deste breve trabalho, mesmo sendo as periferias das cidades lugares carentes de uma série de bens e serviços negados pelo Estado, existem iniciativas que surgem como forma de resistência aos diversos processos de exclusão provocados pelo desenvolvimento do capitalismo. Neste processo de periferização, e consequente exclusão observados nas cidades capitalistas, os atores sociais excluídos, organizados nas suas comunidades periféricas, têm um importante papel de resistência. As experiências aqui relatadas mostram possibilidades de ações desenvolvidas nas periferias que utilizam os meios de comunicação como as rádios comunitárias, redes sociais e também os *podcasts* que permitem perceber as periferias e os grupos sociais excluídos como produtores de espaços e de geografias diversas.

Para que as professoras e professores de geografia sejam capazes de contribuir para a construção de representações sociais das periferias enquanto lugares de potência e resistências, na qual os estudantes das periferias se reconheçam, e reconheçam seu papel para a construção da cidadania, é preciso estar atento às diversas estratégias discursivas sobre as periferias das cidades. Entendemos que a formação para a cidadania é uma responsabilidade coletiva de toda sociedade nos mais diferentes espaços formativos (escolas, famílias, coletivos sociais), mas a

compreensão das dinâmicas do espaço geográfico cabe à ciência geográfica. Ela deve ser capaz de ampliar as representações sociais sobre o espaço geográfico bem como da multiplicidade da realidade social, natural e histórica, conforme Pontuschka (2009).

Desta maneira, a geografia escolar deve ser capaz de trabalhar os temas referentes às cidades de maneira articulada com o lugar de pertencimento das escolas. Ao discutirmos, cidadania, espaço urbano e dinâmica cultural nas escolas das periferias, tendo como protagonistas experiências positivas e sujeitos periféricos atuantes, acreditamos ser possível tal articulação.

Referências

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade**. 8ª Ed. São Paulo: Contexto, 2008. Disponível em: https://www.ufjf.br/pur/files/2011/04/A-Cidade.-Ana-Fani-Alessandri-Carlos.pdf. Acessado em 26 de maio 2022.

CARLOS, Ana Fani Alessandri (Org.). **A geografia na sala de aula**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2008. 2ª reimpressão.

CAVALCANTI, Lana de Souza; SOUZA, Vanilton Camilo de. **Conceitos geográficos e a meta de formação de cidadania nas pesquisas sobre o ensino da Geografia no Brasil.** In: Education for Participative Citizenship and Global Prosperity.0 ed.Sevilla: IGI Global, 2018, p. 458-480.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Geografia escolar e a busca de abordagens teórico/práticas para realizar sua relevância social. IN: SILVA, Eunice Isaias da e PIRES, Lucineide Mendes (orgs.) **Desafios da didática de Geografia.** Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2013.

CAVALCANTI, Lana de S. – temas da cidade e vida urbana: a dinâmica do/no espaço intra urbano e a formação para a participação em sua gestão. In: _____. **A Geografia escolar e a cidade**. Campinas, SP: Papirus, 2008. pp. 105-124

CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. Editora Ática, Série Princípios, 3a. edição, n. 174, 1995. p.1-16.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Iyda; CACETE, Núria Hanglei. **Para ensinar e aprender Geografia**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4. Ed. 2. reimpr.- São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão.** 7. ed. São Paulo: Edusp, 2007.